

Bresser critica Fundo e estratégia dos credores

Washington — AFP

Em dois incisivos discursos feitos ontem nas reuniões, da manhã e da tarde, do comitê interino do Fundo Monetário Internacional, o ministro Luiz Carlos Bresser Pereira declarou que está falida a estratégia tradicional de solução da dívida externa; disse que os países endividados não devem ter a menor esperança de receber empréstimos voluntários dos bancos e fez uma dura crítica ao Fundo: "É inconcebível que em momentos tão agudos de crise, o FMI apresente desembolsos líquidos negativos", ou seja receba de pagamento de juros mais do que concede em novos empréstimos aos endividados.

— O que está em jogo é a estabilidade internacional — advertiu o ministro brasileiro, garantindo que a solução do problema passa hoje inevitavelmente pela participação dos governos dos países credores. Bresser, além de críticas, fez propostas concretas para a solução da questão da dívida, todas passando pela *securitização* (ou seja, transformação da dívida em títulos). — A utilização do *zero-coupon bonds* para dar garantias ao principal dos títulos no final do prazo de vencimento é um instrumento de garantia que poderá desempenhar um importante papel. Empréstimos de agências oficiais com taxas de juros privilegiados para constituir fundos para a compra da dívida são outra alternativa para se obter, para os países endividados, taxas mais baixas de juros e maiores prazos, efetivamente compatíveis com sua capacidade de pagamento".

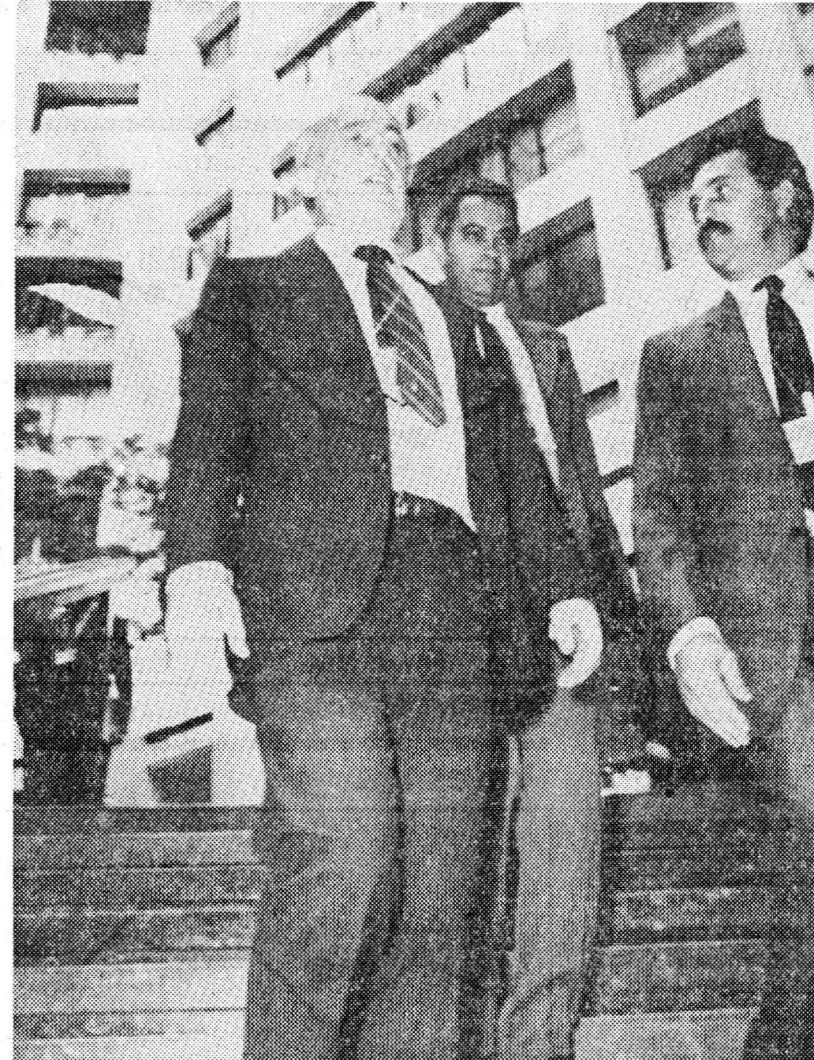
Falência — Os fatos por si só, disse Bresser Pereira, mostram a falência da estratégia perseguida desde a eclosão da crise da dívida a do ajuste com recessão. Segundo o ministro, o mercado secundário mostra hoje claramente "a contínua deterioração da capacidade de pagamento dos devedores e do valor das ações dos bancos, que se depreciam na proporção de seus créditos incobráveis".

A estratégia dos credores baseava-se em três premissas, lembrou Bresser. A primeira é a redução das taxas de juros internacionais; a segunda, o crescimento vigoroso das economias industrializadas e do comércio internacional; e a terceira a retomada dos empréstimos voluntários da comunidade financeira internacional.

Nenhuma das três se concretizou, avaliou o ministro. "A suposição de que os países industrializados cresceriam vigorosamente, revelou-se falha". Na ausência de uma demanda externa em expansão, o aumento dos saldos comerciais dos devedores foi feito com o corte nas importações. Além disso, não houve até hoje, cinco anos depois, o financiamento externo esperado. "Os empréstimos externos líquidos totais concedidos aos 15 maiores países devedores caíram de US\$ 49,5 bilhões anuais em média no período 1979/82 para apenas US\$ 7,4 bilhões anuais nos últimos dois anos". Esta situação obrigou os países devedores a fazerem maciça exportação de capitais. "Nós últimos cinco anos as transferências financeiras da América Latina somaram cerca US\$ 132 bilhões."

A consequência para os países devedores de utilização da estratégia equivocada é desalentadora, disse o ministro brasileiro. "Os números são eloquentes: de 1981 a 1986, os 15 maiores países devedores tiveram que reduzir o volume de suas importações em 35,7%, a taxa de investimento caiu de 24,8% para 18% do PIB e a queda do PIB per capita foi de 7,3%", disse Bresser Pereira. Segundo ele, a queda das taxas de investimentos paradoxalmente, compromete a própria capacidade de servir a dívida.

Cumprir seu papel — O que os países devedores precisam é de taxas de juros compatíveis com as dos anos 60 e 70 quando a dívida foi contraída. E precisam também de que as agências multilaterais passem a fazer desembolsos às nações devedoras de forma a cumprir o papel de financiar o desenvolvimento econômico destes países. Mas o que acontece é exatamente o contrário, lembrou Bresser. Além do FMI, o Banco Mundial e o BID mantêm com frequência saldos positivos com os países devedores, fazendo desembolsos menores do que o que recebem de juros e amortizações. "Este fato é agravado", acrescentou Bresser, "pelas condicionalidades pouco condizentes com os problemas e as necessidades dos países devedores, o que leva alguns países a desistir dos recursos do FMI. Na verdade, o desafio com qual se defronta hoje o FMI é desempenhar um papel mais ativo no suporte financeiro a programas de ajustamento com crescimento".



Bresser deixa o FMI após criticar os credores